

RESENHA

Das percepções do tempo às noções de felicidade From time perceptions to happiness notions

Laissy Taynã da Silva Barbosa* & André Luiz Picolli da Silva

Universidade Federal do Pará, Marabá, Brasil

Millan, M. P. B. (2011). *Tempo e felicidade*.
São Paulo: Casa do Psicólogo.

O capitalismo é a engrenagem, o consumo, o óleo lubrificante, e a felicidade é o combustível, queimado para por em movimento a máquina chamada sociedade. Por mais angustiante que possa parecer, essa tem sido a lógica do mercado desde o surgimento do capitalismo – e, nesse sentido, não é de estranhar que tal situação deixe marcas ao longo do tempo na vida das pessoas inseridas nesse sistema. É enfatizando esta lógica de produção e consumo *versus* felicidade que Marília Pereira Bueno Millan, em seu livro, *Tempo e Felicidade*, discute, por meio de relatos de histórias de vidas, a relação das pessoas com o tempo no mundo contemporâneo, apresentando também a influência da tecnologia nas interações sociais e trabalhistas. Millan apresenta por intermédio de uma pesquisa qualitativa de base psicanalítica a dificuldade do ser humano em encontrar equilíbrio entre trabalho, tecnologia, tempo e felicidade.

A partir de relatos dos entrevistados por Millan, aspectos da vida como trabalho, tecnologia, tempo e felicidade na contemporaneidade são discutidos com base em diferentes opiniões, emitidas por pessoas de diferentes faixas etárias, entre 34 e 84 anos. As entrevistas feitas por Millan mostram uma divergência na percepção desses fenômenos, no sentido de que os entrevistados mais jovens demonstraram ter maior estresse, frustração e insatisfação com os resultados obtidos no trabalho, enquanto os entrevistados mais velhos apresentaram possuir menos estresse e frustração e maior liberdade para decidir em quais atividades gastar energia, seja ela atividade física ou trabalho. Millan associa as angústias evidenciadas nos entrevis-

tados mais jovens a um misto entre a imersão no mercado de trabalho e a falta de interação entre as pessoas – fenômeno este que ocorre devido ao estilo de vida desse início do século XXI, no qual, apesar dos meios de comunicação virtual estarem mais rápidos e acessíveis, a disponibilidade de tempo para a realização de atividades de interação real, como passeios, cinema e outros tipos de divertimento, diminui em consequência da competitividade do mercado.

É nessa perspectiva que a autora se remete a um dos aspectos da crítica de Marx ao capitalismo: a dominação de uma classe social por outra em busca do acúmulo de capital. O indivíduo contemporâneo continua sendo dominado, pois, na atualidade, mesmo sem uma distinção clara entre classes sociais, o sistema faz com que o indivíduo sinta necessidade de produzir, criar e, sobretudo, consumir cada vez mais. Desse modo, produzir, criar e consumir são formas de medir o desempenho de alguém no atual mercado capitalista, bem como sua posição no mundo. Em decorrência disso, o indivíduo pode deixar em um plano secundário as relações entre família, amigos e conjugues, chegando, em casos extremos, ao total isolamento.

O valor que a tecnologia possui, seja para o lazer, trabalho, ou fornecendo informações que facilitam a comunicação em tempo real é algo evidente nos dias de hoje. Entretanto, segundo a autora, frutos dessa tecnologia como jogos eletrônicos, *chats* e *reality shows* estão cada vez mais ocupando o lugar da interação “corpo-a-corpo”, substituindo a ação real pelo campo imaginário. Nesse sentido, de acordo com seus

* Endereço para correspondência: Laissy Taynã da Silva Barbosa – yssial@hotmail.com

estudos, o exagero de acessos a informações na internet consideradas superficiais tende a tornar o indivíduo dependente das interações virtuais, podendo fazer com que perca momentos valiosos de convívio em sociedade.

Durante a leitura do livro é possível identificar, que devido à sucessão de criações tecnológicas desde a Revolução Industrial, aliada ao controle do tempo imposto pelo capitalismo, a sociedade desse início do século XXI vive no ápice de seu desenvolvimento tecnológico. Entretanto, essa ampliação no desenvolvimento econômico e tecnológico não repercutiu, necessariamente, na ampliação da felicidade das pessoas. A tecnologia constitui fonte de agilidade e facilidade que, na mesma proporção, produz uma sensação de urgência emaranhada à vida cotidiana do indivíduo. Millan exemplifica isso por meio das chamadas “comidas rápidas” ou “*fast foods*”, que se tornaram um ícone no mundo contemporâneo, devido ao fato de que a velocidade ganhou espaço como sinônimo de facilidade, eficiência e, sobretudo, modernidade. Nesse sentido, o próprio ato de se alimentar ganhou características de urgência, a sensação de experimentação e degustação do alimento ficou esvaziada, e foi substituída por uma ação automatizada, geralmente carente de maiores significados, a não ser a da própria manutenção física do corpo.

No final do livro, enfatizando mais alguns aspectos relacionados às percepções individuais, a autora descreve as emoções dos entrevistados ao relembrem a infância e a juventude, ao relatarem momentos do tempo presente e ao contarem os medos e anseios do futuro. Em todas as histórias de vida dos entrevistados por Millan, alguns elementos em comum podem ser evidenciados, como o fato da infância ser mencionada como um momento marcante por meio da convivência com os pais, amigos, pelos lugares visitados e brincadeiras realizadas. Entretanto, chama a atenção entre as entrevistas o fato dos entrevistados mais velhos relatarem mais eventos relacionados a acontecimentos políticos em suas falas do que os entrevistados mais jovens, o que faz a autora questionar porque, no século XXI, o mundo sociopolítico perde lugar para as tramas de histórias pessoais. Partindo desse questionamento, a autora argumenta que os entrevistados mais jovens, por estarem mais voltados para o cotidiano individual e interesses imediatos, apresentam carências acerca de experiências com a vida pública – o

que, no entanto, não significa que eles não possuem consciência crítica a respeito da realidade.

Durante a leitura, fica clara a preocupação da autora em demonstrar como as pessoas de diferentes faixas etárias experimentam o tempo no mundo contemporâneo – mundo este que difere significativamente dependendo da época em que cada entrevistado nasceu. Em razão dessas diferenças, que se refletem no modo de ser de populações nascidas em épocas diferentes, é possível perceber no livro o cuidado metodológico da autora para com a realização da pesquisa. Os entrevistados rememoravam suas histórias – alguns de início um pouco tímidos, mas no decorrer da entrevista relaxaram e compartilharam suas vidas. É de maneira intrigante que Millan relata ricas experiências dos entrevistados em relação aos acontecimentos ocorridos em suas vidas e suas percepções a respeito da felicidade.

Desse modo, o livro de Millan consiste em uma obra de análise de fenômenos como tempo, tecnologia, trabalho e felicidade com linguagem fácil, sendo indicada a todos os interessados na compreensão de como ocorre a experimentação subjetiva do tempo na atualidade, sendo adequada também, àqueles que estudam o fenômeno, ou estão imersos na lógica capitalista, a ponto de se sentirem afetados pelo convívio excessivo com a tecnologia. Nesse sentido, é uma obra apropriada tanto para estudantes, pesquisadores e profissionais de áreas como psicologia e sociologia quanto para profissionais de outras áreas das ciências humanas, interessados em ampliar seu conhecimento sobre o mundo atual e a percepção do homem contemporâneo sobre a vida, o tempo e a felicidade em relação com o passado, o presente e o futuro.

REFERÊNCIAS

Millan, M. P. B. (2011). *Tempo e felicidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Recebido: 26/06/2012
Última revisão: 06/08/2012
Aceito: 18/08/2012